

VISÃO DO CORREIO

Contra o feminicídio, não basta pena histórica

Na noite de 20 de agosto de 2024, em um bar no Gama, Juliana Soares foi ameaçada de morte pelo ex-namorado, na frente de amigos e de clientes, enquanto comemorava seu aniversário de 34 anos. Inconformado por não ter sido convidado, Wallison Felipe de Oliveira esperou terminar a festa para cumprir a promessa. Atropelou Juliana por três vezes enquanto ela voltava a pé para casa ao lado da mãe e da filha de 5 anos. Avó e neta foram socorridas e sobreviveram. Juliana morreu no local, vítima de múltiplas fraturas graves e de um entendimento covarde de que mulheres não podem se recusar a corresponder às expectativas dos homens.

O crime teve como punição a maior pena por feminicídio da história do país: 67 anos, seis meses e 14 dias de prisão em regime inicialmente fechado. Isso em razão da entrada em vigor da Lei nº 14.994/2024 — que tipificou o feminicídio como crime autônomo e elevou os parâmetros para a pena privativa de liberdade, que varia entre 20 e 40 anos de reclusão (antes era de 12 a 30) —, além da responsabilização pelas tentativas de homicídio contra a filha e a mãe de Juliana. Trata-se de uma condenação a ser ressaltada pelo seu valor simbólico e jurídico, mas não suficiente para frear a epidemia de execução de mulheres em curso acelerado no Brasil.

No mesmo ano do assassinato de Juliana, registrou-se, no país, uma média de quatro mortes de mulheres por dia em contextos de violência doméstica, familiar ou por menosprezo e discriminação. É o maior número de feminicídios da série histórica (desde 2020), segundo o Ministério da Justiça e da Segurança Pública. Casos de estupro também chegaram ao maior patamar: 83.114 ocorrências — o equivalente a 227 vítimas a cada 24 horas, sendo 86% delas do sexo feminino. Não se pode desconsiderar as tentativas de assassinato de mulheres no mesmo período — 3.870, média de 10 por dia —, além

das outras formas de violência, como a psicológica e a virtual.

Considerando que marcos legais de proteção à mulher existem há décadas — a Lei do Feminicídio completou 10 anos em março e a Lei Maria da Penha, 19 anos em agosto —, fica evidente que, sozinho, o endurecimento das leis não é capaz de salvar vidas e famílias. A punição, insistem especialistas, é tão importante quanto a prevenção e o suporte às vítimas. “São necessários a identificação precoce de situações de risco, medidas protetivas eficazes, acolhimento seguro e apoio psicológico, jurídico e econômico às vítimas, além de uma mudança cultural com educação para a igualdade de gênero e combate à misoginia”, elenca, ao **Correio**, a advogada especializada em direito das mulheres Jaqueline Costa.

A lista é diversa, como precisa ser o combate integral, e efetivo, à violência de gênero. Há uma sensação perigosa de que a epidemia de feminicídios é ignorada no país. Expressa, inclusive, em estudos. Divulgada no ano passado, a pesquisa Medo, ameaça e risco: percepções e vivências das mulheres sobre violência doméstica e feminicídio, realizada pelo Instituto Patrícia Galvão e Consulting do Brasil, com apoio do Ministério das Mulheres, mostra que 66% delas acham que nada acontece com os homens que cometem violência doméstica e que 95% deles, mesmo sabendo que se trata de crime, têm convicção de que não serão punidos. E mais: 90% concordam que evitar o assassinato é mais importante do que punir o feminicida.

Mulheres estão acuada em um sistema estrutural que desqualifica suas histórias e sem confiar nas instituições que têm a obrigação constitucional de protegê-las. A epidemia de feminicídio que toma conta do Brasil passa desenfreadamente por cima da inviolabilidade do direito à vida e à segurança. O país precisa ouvir e respeitar quem está morrendo pela ineficiência coletiva de viver sob a égide da igualdade.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

STF

Merecidas duas páginas, quatro fotos e chamada de capa do **Correio Braziliense** (29/09) para o elegante ministro em fim mandato da presidência do Supremo Tribunal Federal (STF), Luís Roberto Barroso. Espirituoso, cultuador esmerado do vernáculo, cantor nas horas vagas, Barroso aprecia artistas populares e gosta de citar frases e versos. A meu ver, Barroso foi infeliz no episódio de Nova York — quando xingado por brasileiros, perdeu as estribeiras e respondeu “Perdeu, mané”. Vai carregar a tolice por muito tempo. Curiosidade do ministro que vai pautar os mais atilados: respondendo a uma pergunta sobre a sonhada e difícil pacificação, ele deixou escapar o que seu faro político sugere para 2026: “Nas eleições, por exemplo, o presidente Lula e o governador Tarcísio poderão disputar, cada um com suas propostas. Mas o debate deve ser civilizado, qualificado e sem ódio”. Barroso está convencido de que suas atitudes e suas decisões na jornada como presidente da Suprema Corte contribuíram para fortalecer a democracia, a constituição e a soberania. Fricou que a frase explica bem a sua gestão: “Viver não é esperar a tempestade passar, é aprender a dançar na chuva”. Nessa linha, Barroso poderia ter salientado versos da sublime Adélia Prado, que cabem bem no coração dele: “Não tenho tempo para mais nada. Ser feliz me consome”.

» **Vicente Limongi Netto**
Asa Sul

Corais marinhos

Com ares de apreensão li a reportagem intitulada O mar não está para peixe (**Correio**, edição de 28/9), bem redigida pela jornalista Isabella Almeida, que versa sobre o iminente risco que ameaça a relação simbiótica entre as anêmonas e os peixe-palhaço, organismos que coabitam os multicoloridos corais marinhos. É absurdamente lamentável que, a despeito do que insistentemente pregam ecologistas e pesquisadores,

alguns líderes mundiais sigam — arrogantes — no contrafluxo e insistam em aumentar as emissões de CO2 (ou não incentivam a sua redução), o que eleva a acidez das águas marinhas, aquecendo o meio aquático e culminando no branqueamento das Radianthus magnifica, pressão antrópica que desequilibra o ecossistema e desafia a bela e harmônica relação anêmona/peixe-palhaço.

» **Nelio S. Machado**
Brasília

Água Mineral

A fauna numerosa de macacos que frequenta as áreas das piscinas do Parque Nacional é um desequilíbrio do ecossistema. Eles deveriam estar espalhados na floresta. Apresentam risco de ataque e transmissão de doenças aos frequentadores, além de pegar bolsas e mochilas.

» **Marcos Gomes Figueira**
Sudoeste

Espectáculo antidesportivo

O combate, no último sábado, entre Acelino “Popó” Freitas e Wanderlei Silva, que prometia ser histórico, terminou em um espetáculo de antidesportividade. O ápice do caos veio no quarto round, quando Wanderlei Silva, já punido com a perda de dois pontos, insistiu na conduta irregular e foi desclassificado. Enquanto Popó iniciava sua celebração, a frustração transbordou: membros de ambas as equipes invadiram o ringue e uma briga generalizada eclodiu, com socos e empurrões. O cenário de descontrolado absoluto manchou não apenas a noite, mas a imagem do boxe brasileiro. A luta que deveria exaltar o melhor do esporte tornou-se sua antítese: um espetáculo de indisciplina que desrespeitou atletas, público e a tradição do ringue. Ídolos como Éder Jofre e Maguila certamente estariam envergonhados ao assistir tamanha cena de degradação.

» **Gilberto Pereira Tiriba**
Santos (SP)

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Supermercados discutem vendas de remédio. Direito à igualdade de condições: tem farmácia que vende sorvete, refrigerante, salgadinho, ração para pet, sabão em pó, eletrodomésticos, produtos de mercearia...

Abrahão F. do Nascimento — Águas Claras

A Justiça não alcança a violência; a gestão pública tropeça no sofrimento humano; e a lentidão institucional perpetua o caos. A dor de quem sofre com a insegurança não é medida por estatísticas.

Paccelli M. Zahler — Sudoeste

Trump apresenta plano de cessar-fogo para Gaza e fala em “paz no Oriente Médio”: mas onde estão os palestinos nessa negociação?

Arno Maciel — Porto Alegre (RS)

Tarifa de 100% para filmes estrangeiros. Pense num sujeito atrasado. Trump ainda vai responder pelos seus delírios quando deixar a Presidência dos EUA.

Eduardo Rodrigues — Brasília

Mais de mil condutores foram flagrados usando celular ao volante na última semana no DF. É mais fácil contar os motoristas que não usam!

Arthur Alcântara — Brasília

A verdade é que, se você vir um carro na rua andando torto, devagar ou com sinal de que algo está errado, das duas uma: ou o motorista está no celular ou está embriagado!

Jean Castro — Brasília

Em outubro, vamos celebrar os 34 anos do tricampeonato de Ayrton Senna na F-1, o último título de um brasileiro na categoria. Senna, eternamente dentro dos nossos corações!

José Ribamar Pinheiro Filho — Asa Norte



IRLAM ROCHA LIMA
irlam.rochabsb@gmail.com

Manifestação e deleite

Em recente estada no Rio de Janeiro, vivi momentos marcantes relacionados com a música, expressão artística de maior popularidade no âmbito da cultura brasileira que serviu de background para a manifestação que ocorreu em Copacabana e reuniu mais de 40 mil pessoas contra a anistia e a PEC da Blindagem, proposta por deputados federais.

No evento do último dia 21, organizado por movimentos sociais como Frente Brasil Popular e Povo sem Medo, um trio elétrico serviu de palco para receber ícones da MPB, como Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Paulinho da Viola, Djavan, Ivan Lins, Geraldo Azevedo, Lenine, Roberto Frejat, Maria Gadú e Marina Sena, que levaram ao público clássicos das respectivas obras.

Foi emocionante ouvir, ao vivo, canções de grande representatividade, da importância de *Cálice*, *Vai passar, Gente*, *Reconvexo*, *Aquele abraço*, *Foi um rio que passou em minha vida*, *Dia branco e Começar de novo*, acompanhadas em coro pela multidão.

Ainda no Rio, foi um privilégio estar na plateia da Viva Rio, casa de espetáculo localizada ao lado do Museu de Arte Moderna, para assistir ao show com o qual Maria Bethânia comemora 60 anos de carreira, fazendo uma espécie de retrospectiva de sua brilhante trajetória artística. Ela teve ao seu lado uma poderosa banda, que tem como arranjador Jorge Helder, contrabaixista que deu seus primeiros passos na profissão, na década de 1970, em casas noturnas brasilienses.

Foi um deleite ouvir a Abelha Rainha, com a força do seu vozeirão, revisitar canções, criadas por diversos compositores, que ela transformou em grandes sucessos, como *Balangandã*, *Beira mar*, *Canções e momentos*, *Diz que fui por aí*, *Encouraçado*, *Eu mais ela*, *Gota de sangue*, *Mar e Lua*, *Olha, O lado quente do ser*, *Podres poderes*, *Rosa dos ventos*, *Sete mil vezes e Vera Cruz*. Quase ao final do concerto, um coro irrompeu na plateia: “Sem anistia!, Sem anistia!, Sem anistia!”.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houera, lá chegará”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00

Assine
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Assinatura para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2586 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131



D.A Press Multimídia
Atendimento pessoal para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.udapress.com.br